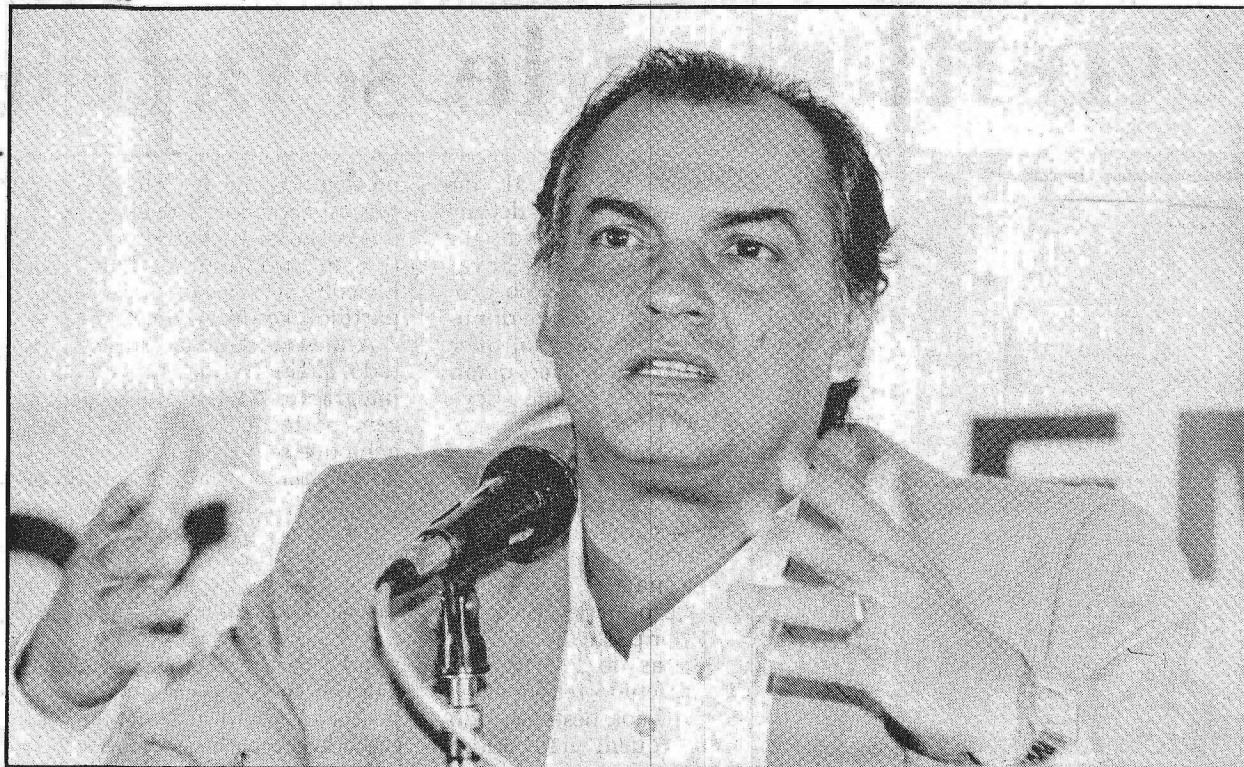




Freire prega a união das forças democráticas e progressistas, frisando que o PT tem garantidos os votos de seu partido

Comunistas se aliam com a Frente Brasil Popular

O deputado Roberto Freire (PCB) chegou ao Centro de Convenções minutos após o anúncio da virada de Luiz Inácio Lula da Silva, formalizando o apoio ao candidato da Frente Brasil Popular no segundo turno. Pregando a união das forças democráticas e progressistas, "compromisso histórico do partido e da campanha", Freire lembrou, de qualquer forma, a necessidade de cautela e de flexibilidade para as composições, o que não significa "descaracterizar o programa original". Frisou que, a princípio, não há planos de o PCB atuar no próximo governo, caso Lula saia vitorioso. Mas, enfatizou: "Se for só por voto, não precisam nem nos procurar. O voto vamos dar".

Em mais de uma hora de entrevista coletiva, Freire demonstrou séria preocupação quanto aos "interesses fortes" que um governo de esquerda poderá enfrentar, constituindo até um risco de não se cumprir as propostas. Representando o partido, fixou

critérios para o apoio efetivo — "não fazemos coisas apenas formalmente" —, como a manutenção da autonomia orgânica. E sem assumir a posição de elo da esquerda, propôs-se a conversar com frentes do PDT, PSDB e PMDB. "Não pensamos em ser aqueles que vão costurar ou articular nada", explicou.

Analisando uma "performance razoável" da esquerda no primeiro turno, Freire previu uma acirrada disputa final, talvez até com uma mobilização maior do que a vista na campanha das Diretas em 1984. Considerou, porém, equivocada a idéia de que o segundo turno representará um duelo entre a elite e a massa. "É bom lembrar que o Collor só perdeu em três estados: Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Rio de Janeiro, sempre para Brizola. Só no Distrito Federal perdeu para Lula, salientou.

Sem uma opinião formada sobre os futuros eleitores da Frente Brasil Popular — "não sei se toda a esquerda vai votar no Lula" —,

o deputado chegou a comentar o fraco desempenho do candidato nos locais onde o PT governa. Embora não afirme que a administração questionável daquele partido tenha sido decisiva nas urnas, também não arrisca uma prévia avaliação de como será o governo federal da Frente. "Não posso dizer qual vai ser a experiência. Em São Paulo não foi boa. Aliás, foi péssima", corrigiu.

Ansiando que esta tenha sido a última eleição presidencial e pela instituição do parlamentarismo, Freire espera a criação de um bloco histórico da esquerda, com democracia ampla. Já pensa nas eleições parlamentares do próximo ano, lembrando que não se governa sem o Congresso. "Collor não tem nem partido", observa, descartando negociações com o PRN.

Quanto a sua própria candidatura, Freire não escondeu que acreditava numa votação superior à constatada.